
ENTRE FALAS E SONHOS: SEXUALIDADE, PODER E VIOLÊNCIA NA OBRA DE HERTA MÜLLER

Rosvitha Friesen Blume¹

RESUMO: Nesse artigo pretendo analisar alguns excertos da obra contística dos anos 1980 de Herta Müller (Nobel de Literatura 2009) sob o ponto de vista das instâncias de poder e dominação nela retratadas e especialmente o modo como estas incidem sobre os âmbitos de sexo e gênero. Mostrarei como se expressam, nos diferentes níveis discursivos, o da fala e de brincadeiras infantis ou de sonhos das personagens femininas, diferentes níveis de consciência sobre o sistema repressivo e violento a que pertencem e para o qual contribuem.

PALAVRAS-CHAVE: Herta Müller, sexualidade, violência

ABSTRACT: In this communication I would like to analyze excerpts of the 1980's narrative work of Herta Müller (2009 Literature Nobel Prize) from the point of view of the domination and power instances it portrays, especially sex and gender. I will also show how they express themselves in different discursive levels, the speech and the narration of dreams from the feminin characters, different levels of awareness about the repressive system to which they belong and to which they contribute.

KEYWORDS: Herta Müller, sexuality, violence

¹ Professora associada da UFSC, pós-doutora, atuando no Curso de Letras Alemão e na Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

A vencedora do Nobel de Literatura 2009, Herta Müller, nasceu e viveu até os 15 anos de idade numa pequena localidade de imigrantes alemães suábios na Romênia, chamada Nitzkydorf. Como é comum no caso de minorias migratórias, tratava-se de uma comunidade bastante fechada e etnocêntrica; no vilarejo, que guardava fortes resquícios da ideologia nazista, a língua única era o alemão e Herta foi aprender o romeno somente quando se mudou para a cidade de Timisoara, a fim de continuar seus estudos. O vilarejo era regido por um catolicismo rigoroso e pela exigência de uniformidade e de conformidade com o senso comum do lugar, ou com a ordem simbólica, para falar com Bourdieu (1999), o que conduzia forçosamente à hipocrisia, à mesquinhez e à violência nos relacionamentos.

Depois que Herta deixa o seu pequeno vilarejo e vai estudar na cidade de Timisoara, vem a conhecer mais de perto a Romênia ditatorial de Nicolai Ceauscescu; após ingressar na universidade, onde estuda Letras, conscientiza-se cada vez mais das atrocidades do regime e, quando é instada a espionar para a polícia secreta, recusa-se e passa a fazer parte dos muitos perseguidos pela *Securitate*. Entretanto, o seu pequeno vilarejo de origem não representa nenhum tipo de refúgio da perseguição para ela; ao contrário, percebe-o, agora com o olhar de fora, como uma espécie de miniatura do comunismo romeno, uma pequena ditadura dentro de uma maior. É dessa pequena ditadura, etnocêntrica e patriarcal por excelência, que tratam seus três primeiros volumes de contos, publicados nos anos de 1982, 1986 e 1987.

Uma análise desses contos mostra uma estreita relação entre sexualidade, poder e violência. É impressionante a exposição que a autora faz da ordem patriarcal de dominação masculina (Bourdieu, 1999) que controla e domestica os corpos das mulheres. Também choca a frieza e a brutalidade dos encontros sexuais narrados. A própria autora declara numa entrevista, a respeito de como representa a sexualidade em sua obra dos anos 1980: “Meu objetivo era mostrar a relação entre sexualidade e poder. Aos métodos da repressão somava-se a opção pela chantagem física. Nunca se sabia se em determinado momento se tratava de um impulso sexual descontrolado, de um ímpeto, mas sempre tinha a ver com poder, com menosprezo.” (MÜLLER apud NEUBAUER, 2012, p.77)

OPOSIÇÃO BINÁRIA QUE NATURALIZA A VIOLÊNCIA

Nos contos da coletânea de 1982, a representação de uma rígida oposição binária entre os sexos é operada pelas reiteradas frases que iniciam com “os homens” / “as mulheres” ou “o pai” / “a mãe”, ou “o avô / “a avó” etc:

As mulheres falavam sussurando quando se encontravam na rua e puxavam seus lenços ossudos sobre o rosto e começavam a se parecer umas com as outras. (MÜLLER, 1982, p.40)

Os homens iam ao campo apinhados em carroças rangentes e permaneciam mudos durante o trabalho. Eles passavam a foice pela relva e suavam com o trabalho e com o silêncio. (MÜLLER, 1982, p.40)

Essa oposição tão claramente definida nos contos marca uma relação de poder desigual em favor dos homens, que tratam suas mulheres como propriedade e como objetos sexuais, fazendo a violência parte do cotidiano dessa relação.

No conto “O homem é um grande faisão sobre a terra” (1986) a pequena Amalie é violentada por Rudi, também ainda menino. O ato acontece dentro de um tonel, enquanto ele a enreda com a narração de uma espécie de conto de fadas: “Você tem uma coroa de espinhos, diz ele. Você está enfeitada. Eu amo você. Você precisa sofrer.” (MÜLLER, 1995, p.40) Como observa Iulia-Karin Patrut (2006, p.139) o menino é o detentor único do discurso e da ação, transformando a menina num ‘outro’ e impingindo-lhe, assim, um sofrimento ao mesmo tempo simbólico e factual, quando, por exemplo, coloca uma coroa de carrapichos em sua cabeça ou morde os seus mamilos.

O caminho natural das moças é o casamento, o quanto mais cedo possível. Um exemplo é “A pequena utopia da morte”, texto que conta a história da avó da narradora, considerada uma propriedade do avô, ao lado de suas terras. Ela relembra o dia de seu casamento, com quase 16 anos: “Eu puxava o cortejo do casamento atrás de mim. O avô fazia grandes frases sobre canga, ares e hectares.” (MÜLLER, 1987, p.36) Após a festa de casamento ele cai exausto na cama e adormece. Quando acorda de madrugada, a avó narradora relembra: “Ele subiu em

cima de mim. Senti um terreno duro sob minha barriga. O avô disparava sobre o seu chão e me arava. Quando arfou paralisado, eu sabia: agora está espalhando a sua semente de pepino.” (MÜLLER, 1987, p.38) Alguns meses depois, grávida, procura alento na igreja numa tarde solitária. Lá acaba sendo molestada pelo padre.

No conto “Depressões” (1982) a mãe da menina narradora lhe contara que durante os preparativos para a festa do casamento ela e o noivo haviam brigado e que, ao saírem para colher cerejas no campo, ele sequer a tocara. “Estava parado como um poste ao meu lado e cuspiu ininterruptamente as sementes molhadas e gosmentas de cerejas e ali eu sabia que apanharia muitas vezes na vida.” (MÜLLER, 1982, p.19-20)

E a intuição da noiva se confirma mais tarde. A menina narradora observa:

A mãe chora e fala, a mãe fala e chora. A mãe fala chorando e chora falando.

A mãe consegue fazer frases longas chorando, que não tem fim, e se não tivessem a ver comigo, seriam belas. Mas elas têm essas palavras pesadas em si e o pai começa de novo com a sua canção e cantando pega a faca da gaveta, a faca maior, e eu fico com medo por causa dos seus olhos e a faca corta tudo que eu queira pensar.

A mãe de repente para de falar, o pai já está com a faca erguida e ameaçando. O pai canta e ameaça com a faca e a mãe só choraminga bem baixinho com a garganta trancada. (MÜLLER, 1982, p.86)

A menina Amalie, violentada pelo amigo no tonel, terá ainda, mais tarde, uma árdua tarefa no decorrer do conto “O homem é um grande faisão sobre a terra”. Sua família está querendo deixar a ditadura romena e voltar para a Alemanha; para conseguir os documentos, subornos em diversas instâncias são necessários; dentre eles, a entrega da filha moça para uma ‘visita’ ao policial romeno responsável pelo vilarejo e, para conseguir os certificados de batismo que comprovem o local e a data de nascimento, para uma ‘visita’ ao padre. O pai oferece alguma resistência inicial, não por causa da filha, mas pela humilhação que o fato representa para ele, ao que a mãe retruca: “a questão aqui não é a

vergonha” e, sim, “o passaporte.” (MÜLLER, 1995, p.74) E ela ainda lembra a filha de tomar a pílula. Amalie, por sua vez, assume a ‘tarefa’ sem maiores problemas, orgulhosa por ser uma mulher adulta e sujeitando-se passivamente aos desejos do padre e do policial, numa espécie de “submissão encantada”, efeito, para Bourdieu, da violência simbólica, aquela que conta com a incapacidade da vítima de reconhecer-se como tal. (BOURDIEU, 1999, p.53)

A PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA PELAS MULHERES

Entretanto, de modo geral existe certo nível de consciência das personagens femininas quanto à violência que sofrem, o que se revela, por exemplo, no conto “Depressões”, numa conversa de duas mulheres sobre um bêbado no ônibus, o qual é advertido por uma delas a guardar a garrafa de pinga para não acabar morrendo logo. A isso a outra comenta:

Eles não ouvem a gente, o meu [marido] ainda poderia estar vivo hoje, mas não adianta falar.

É bom mesmo que eles se vão, aí não incomodam mais.

É, mas eles só se vão quando já acabaram com a vida da gente. (MÜLLER, 1982, p.133)

No mesmo conto uma brincadeira da menina com o amiguinho da vizinhança reflete um mecanismo de defesa das mulheres:

Estamos brincando de homem e mulher. Eu enfio os dois novelos de lã verde debaixo da blusa e Wendel cola o seu bigode de fios verdes de lã de carneiro. A gente brinca. Eu o xingo porque ele está bêbado, porque não tem dinheiro em casa, porque a vaca não tem ração, chamo o Wendel de preguiçoso e porco nojento e vagabundo e pingüço e malandro e inútil e depravado e tratante. Essa é a brincadeira. Eu me divirto e é bom brincar. Wendel fica sentado em silêncio. (MÜLLER, 1982, p.89)

TORNAR-SE MULHER ATRAVÉS DO HOMEM

Essa “violência verbal” (NEUBAUER, 2006, p.88), porém, está longe de representar um meio eficaz de emancipação. As personagens femininas dependem

da presença masculina, já que em sua concepção a mulher só se torna mulher através do homem, como fica claro na conversa da menina narradora com sua prima moça no conto “Peras podres”: “Olho para a água e pergunto: você já é uma mulher? Käthe joga pedrinhas na água e diz: só é mulher quem tem um homem.” E então a menina quer saber a opinião da prima sobre uma senhora diferente das outras por não ser casada, mas que parece feliz: “A Elli canta no quintal à noite, digo eu. Käthe se apinha num toco de árvore e exclama: ela canta porque bebe. As mulheres precisam casar, aí elas não bebem. E os homens, pergunto eu. Eles bebem porque são homens, diz Käthe e salta na grama. Eles são homens mesmo sem ter mulheres.” (MÜLLER, 1982, p.100)

E essa legitimação da mulher através do homem se completa através dos filhos que elas geram, muito embora justamente a maternidade lhes roube o valor como objetos do desejo masculino. E, como a menina ainda não compreende toda a dimensão dessa lógica perversa, sente-se, ela mesma, culpada pela desgraça de sua mãe: “Desde que eu existo os peitos da minha mãe estão caídos, desde que eu existo a minha mãe tem pernas doentes, desde que eu existo a minha mãe tem uma barriga flácida, desde que eu existo a minha mãe tem hemorróidas e geme e se martiriza no banheiro.” (MÜLLER, 1982, p.20)

A relação das mulheres com os seus corpos e com o prazer é domesticada pelo discurso religioso patriarcal, que lhes interdita o conhecimento ou a percepção de si mesmas. No conto “Depressões” a menina narradora constata, ao observar as mulheres:

E quando passam pelos guarda roupas olham para o teto para não se verem nuas, pois em cada quarto da casa pode acontecer algo que se chama vergonha ou impuro. Basta olhar nua no espelho ou pensar que se está tocando a sua pele ao subir as meias. Com roupas se é uma pessoa, sem roupas, não. Toda essa imensa superfície de pele. (MÜLLER, 1982, p.60)

Num ensaio Herta Müller relembra um ditado de sua infância, proferido pela avó: “O diabo está sentado no espelho.” (MÜLLER, 1991) Toda vaidade feminina é reprimida pela igreja, instância máxima de poder e dominação do lugar. A menina ouve do padre que os batons são produzidos a partir do sangue de pulgas

e de outros bichos repugnantes. No conto “Depressões” a observação da menina sobre a imagem da Virgem Maria que se encontra na igreja do vilarejo, de que esta teria os lábios bastante vermelhos, é respondida pelo padre com uma reguada em seus dedos, que ficam endurecidos por dias. (MÜLLER, 1982, p.79)

Embora a menina narradora ainda não consiga dimensionar todo o poder da religião sobre as mulheres, ela descreve o que vê na igreja: “[t]odas as mulheres se ajoelham, fazem o sinal da cruz, murmuram Deus-eu-não-sou-digna, fazem outro sinal da cruz e se levantam.” (MÜLLER, 1982, p.55)

A despeito de toda a força da ordem simbólica que coíbe o prazer das mulheres, a personagem Katharina, mãe de Amalie, esboça a sua reação ao sistema opressor esquivando-se do marido após uma cirurgia no útero com a alegação de que o seu tempo passara. Mas certo dia o marido a flagra numa cena de masturbação. Conforme analisa Patrut, “[...] um encontro erótico-sexual com um homem é impossível para Katharina, dadas as assimetrias de poder existentes [...]” (PATRUT, 2006, p.138) Assim, “a sexualidade feminina oscila entre a recusa pelo preço da renúncia a qualquer parceria e a ‘entrega’ indiscriminada e sem resistência [...]” (PATRUT, 2006, p.211), como no caso da filha Amalie.

MULHERES CÚMPLICES

Entretanto, a representação das personagens femininas de Herta Müller no que diz respeito às relações de gênero é complexa. Se, por um lado, as mulheres são objetificadas e sofrem violência desde meninas e, mais tarde, dentro e fora do casamento, elas mesmas se revelam cruéis em seu papel de mães, especialmente na educação das filhas, conforme já se viu no exemplo de Amalie e de sua mãe Katharina acima. Assim, elas acabam perpetuando o sistema de poder do qual são vítimas.

Mas a exposição da participação feminina no sistema da violência patriarcal por Herta Müller vai ainda além e toca numa questão muito delicada. No conto de abertura do primeiro livro de Müller, intitulado “Discurso fúnebre” (1982), a mulher narradora sonha que se encontra no funeral de seu pai e tem de

ouvir de diversos acusadores todas as mazelas e faltas cometidas pelo seu pai em vida. Dentre outras, a seguinte: “Numa plantação de nabos ele violentou uma mulher, disse o homenzinho. Junto com outros quatro soldados. O seu pai lhe enfiou um nabo entre as pernas. Quando saímos, ela sangrava. Era uma russa. Depois disso ainda ficamos durante semanas chamando todas as armas de nabos.” (MÜLLER, 1982, p.9) Esse exemplo revela não somente mais um episódio de violência contra uma mulher, mas toca na questão da culpa pelas atrocidades cometidas na guerra. O pai da narradora havia sido soldado nazista e, conforme revela o sonho da mulher, era ela quem estava sendo julgada pelos seus crimes. Pode-se interpretar que Müller aponta aqui para uma cumplicidade² das mulheres, por não oferecerem nenhum tipo de resistência à violenta lógica patriarcal da guerra, na qual os homens estavam mais diretamente envolvidos. Paola Bozzi afirma:

Com o seu escancaramento impiedoso da participação das mulheres a autora opera uma decomposição da lógica vitimizante: a participação fundamental da mulher no patriarcado, seu papel de vítima e a moral serviçal em relação ao homem, bem como as estratégias de não se envolver, de esquecer ou de reprimir, são compreendidos como um estar-com-o-réu [...]. (BOZZI, 2005, p.79)

Mas é interessante observar que o sentimento de culpa é revelado apenas no sonho da mulher protagonista e não numa fala consciente. Conforme Patrut,

especialmente o que [as personagens] sonham se revela muito mais complexo e significativo do que aquilo que são capazes de expressar. Assim, o que [elas] fantasiavam, o que imaginam figurativamente contém expressões muito mais diferenciadas e críticas sobre o dispositivo dos sexos que as personagens ajudam a reproduzir, do que as suas opiniões ou julgamentos explícitos. (PATRUT, 2006, p.137)

²“Cumplicidade” é o termo empregado por Christina Thürmer-Rohr (1989) da Technische Universität de Berlin num artigo intitulado “Mittäterschaft der Frau – Analyse zwischen Mitgefühl und Kälte” (Cumplicidade da mulher – análise entre simpatia e frieza) para referir-se a esse fenômeno da participação de mulheres na manutenção do sistema patriarcal.

Herta Müller deixa, portanto, para quem lê a tarefa de compreender, a partir da construção desses diferentes níveis discursivos, aquilo que as personagens não são capazes de enxergar, devido ao processo de naturalização da ordem simbólica na qual se encontram inseridas. Segundo Viola Neubauer os textos de Müller são imbuídos de um “ímpeto desmistificador” daqueles mitos centrais do patriarcado que atribuem um status de objeto às mulheres. (NEUBAUER, 2006, p. 59-60) Na presente análise se viu que, através da criação dessa narradora-menina com suas ‘inocentes’ perguntas a respeito da solteirona Elli que lhe parece feliz, ou da ‘vaidosa’ Virgem Maria que usa batom, a ordem simbólica acaba sendo questionada; ou, também, através do sonho revelador da mulher narradora a respeito de sua co-participação nos crimes do pai, ou, ainda, através da construção de figuras maternas como Katharina, desprovida de qualquer afetividade ou esforço de proteger a filha da violência, rompendo com o mito da maternidade. E, através do rompimento desses mitos patriarcais, a autora esboça também, em sua obra, a possibilidade de romper o círculo vicioso entre sexualidade, poder e violência.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOZZI, Paola. **Der fremde Blick**. Zum Werk Herta Müllers. – Würzburg: Königshausen & Neumann, 2005.
- MÜLLER, Herta. **Niederungen**. Prosa. Berlin: Rotbuch Verlag, 1984.
- MÜLLER, Herta. **Barfüssiger Februar**. Prosa. Berlin: Rotbuch Verlag, 1987.
- MÜLLER, Herta. **Der Mensch ist ein grosser Fasan auf der Welt**. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, [1986] 1995.
- NEUBAUER, Viola. Zum Heimatbegriff bei Herta Müller – Weibliche Heimat? Diplomarbeit. Wien: 2012.
- PATRUT, Iulia-Karin. **Schwarze Schwester – Teufelsjunge**. Ethnizität und Geschlecht bei Paul Celan und Herta Müller. Köln : Böhlau, 2006.

THÜRMER-ROHR, Christina. Mittäterschaft der Frau – Analyse zwischen Mitgefühl und Kälte. In: _____; et.all. **Mittäterschaft und Entdeckungslust**. Berlin, 1989, S. 87-103.

Recebido em agosto de 2013.

Aprovado em setembro de 2013.